

Reportagem: diversidade de formatos e estilos¹

Marli dos Santos²

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

Resumo

Este artigo é uma reflexão sobre a reportagem como gênero e suas relações com a literatura e o jornalismo literário. Muitas vezes esse formato reúne características do gênero diversional, estando presente em diversos veículos de comunicação, inclusive em livros. À luz dos conceitos de gêneros informativo e diversional de José Marques de Melo, e das propostas sobre jornalismo literário e livro-reportagem de Edvaldo Pereira Lima, são apresentados aspectos teóricos da reportagem e sua inter-relação com o formato diversional. Destaca-se a apropriação das técnicas literárias pela reportagem como forma de agregar estética ao texto e não com a função de entretenimento ou diversão. Questiona-se se os formatos diversionais, que abrangem cenários e agentes noticiosos, podem ser considerados também reportagem.

Palavras-chave:

Reportagem; Jornalismo literário; Gêneros informativo e diversional

O fato, o acontecimento e a reportagem

O título acima nos remete a uma discussão antiga, mas que nos serve como ponto de partida para a proposta deste artigo. Se levarmos em consideração a origem da palavra “reportagem”, chegaremos à conclusão apressada de que as cartas, os comunicados, as cantigas de trovadores, os jornais, os emails atuais podem se incluir nesse gênero jornalístico. De certa forma sim. De acordo com a etimologia, reportagem vem do francês antigo, *report*, atualmente *rapporter*. Em latim *reportare* quer dizer “levar de volta”, ou seja, o prefixo “re” (de volta) acrescido de *portare* (portar, carregar, levar), nos leva a essa expressão.

Ao longo da história há relatos diversos que parecem uma reportagem. As Cartas de Caminha são um exemplo. Para descrever a nova terra, o Brasil, ele recorre a técnicas de redação, como a descrição e a narração, um relato resultante de sua observação minuciosa e

¹ : Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo e da graduação em Jornalismo e Relações Públicas da mesma instituição.

atenta aos detalhes que se revelavam à sua vista, ao aportar nas terras brasileiras. Embora haja indícios de uma pré-história do jornalismo e da narrativa jornalística, sabemos que na cultura jornalística, especialmente na dos gêneros, a reportagem é mais que “portar de volta” uma informação.

Tobias Peucer já identificara em sua tese publicada em 1690 os relatos jornalísticos como um fenômeno a ser estudado. A função do jornalismo é de relatar e comentar os fatos, ou seja, qualquer tipo de fato da atualidade, entendendo atualidade como um conceito amplo, que inclui os fatos recentes ou aqueles que permeiam o nosso cotidiano, sem a urgência do fato recente (BELAU, 1966).

Sobre fatos e acontecimentos, Medina (1988) menciona que o fato está ligado à realidade. A mediação do fato pela narrativa jornalística é o que o transforma em acontecimento. Sendo assim, a notícia está ligada à realidade e ao relato da realidade. A realidade, portanto, só pode ser apreendida por meio da linguagem.

A partir de alguns critérios, denominados valores-notícia, os fatos são selecionados para serem relatados ou comentados. Esses critérios noticiosos são resultado de “uma lenta estruturação cultural e de fatos sociais reais”, como diz Marialva Barbosa (2012).

Lobo (2012), citando Boorsten, destaca as atribuições do jornalismo como não só as de reportar os acontecimentos, “mas também de activamente dar existência a factos novos”. O autor diz que a reportagem “origina uma contradição entre a realidade subjacente da situação e o acontecimento tal como é reportado”. E completa:

Tudo isto se resolve recorrendo à auto-efectivação da profecia: ou seja, o acontecimento ganha realidade pela circunstância de ser relatado e tanto quanto as consequências futuras surjam já desse mesmo relato que no momento conforma a realidade original de acordo com os significados que lhe são ditados pela «notícia» — neste caso «notícia-come-acontecimento». (LOBO, 2012, p. 514-515)

Lobo ainda enfatiza que o fato como acontecimento pode ser relatado como notícia, “acontecimento-come-notícia, a partir de valores-notícia estabelecidos pelos jornais que primeiro «agarraram» a história”; e segundo alguns ângulos, como em reportagens. Ou seja, há um reconhecimento que tanto a notícia quanto a reportagem são relatos de fatos, que

ganham o status de acontecimento. Como Chaparro (2000) diz, a notícia faz parte do acontecimento.

Nesse sentido, Sodré (2009) conceitua a notícia, que faz parte do acontecimento, como “marcação do fato”, a partir dos valores-notícia, sendo o acontecimento noticiado um “aspecto temporal do fato social”, que volta de maneira rítmica no tempo, em formato de periodização. Ao definir a periodicidade como conceito fundante do jornalismo, Groth (BELAU, 1966) já destacava essa característica de jornais e revista como manifestação de uma ideia que irrompe o cotidiano de maneira rítmica, a cada 24 horas.

O jornalismo literário e a reportagem

Como “aspecto temporal do fato social” ou acontecimento relatado sob alguns ângulos, de acordo com Lima (2004) e Sodré (2009), a reportagem é uma evolução da notícia, que exige mais aprofundamento e interpretação da realidade. Ela surgiu - como efetivamente a conhecemos hoje – no início do século XX.

Foi nesse período que os telégrafos e as impressoras rotativas davam conta de propiciar agilidade, economia e grandes tiragens aos jornais, para atender às demandas da sociedade. O século da modernidade e da mobilidade consolidou um tipo de relato. Mais do que a notícia, as pessoas precisavam de aprofundamento dos fatos. Conforme relata Ravanelli, citando Kunsch e Lima,

Pode-se identificar os Estados Unidos do alvorecer do século XX como o principal cenário de eclosão para a reportagem como a conhecemos hoje. O período era de crescente profissionalização da imprensa, testada de forma inédita com o desenrolar da Primeira Guerra Mundial (1914-18), no que diz respeito à sua capacidade de informar as pessoas sobre um evento de proporções mundiais.

Deste episódio ficou a lição de que um acontecimento de tal complexidade como uma guerra não pode ser entendido a partir de inúmeros fatos isolados. Era preciso ir ao encontro da crescente demanda de noticiário em profundidade (RAVANELLI, 2009)

A reportagem surgiu então como uma necessidade, para fazer a ligação dos fatos e interpretá-los para o leitor. Por isso, cada vez mais, diante da ebulição causada pela primeira guerra mundial, dos avanços tecnológicos e do capitalismo, a reportagem se consolidou nos jornais e revistas, como um gênero essencial ao jornalismo. Nos Estados

Unidos, a Time tornou-se referência para as demais publicações; no Brasil, a primeira revista a dar destaque às reportagens foi a *Cruzeiro*, que surgiu em 1928.

Antes disso no Brasil, João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, ou simplesmente João do Rio, fez escola com as suas reportagens sobre o cotidiano social e político no Rio de Janeiro, publicando no jornal “A Tribuna” as histórias que apurava no cotidiano. Ele fez sua estreia no jornalismo em 1º de junho de 1899, com 18 anos. Mas foi no período de 1903 a 1915 que ficou conhecido pelas reportagens que escrevia sobre a cidade.

Apesar de ainda dedicar alguns textos a críticas e resenhas artísticas, neste novo período ele passou a dar um enfoque maior nos aspectos políticos e sociais da cidade. É importante lembrar que o Rio de Janeiro vivia sua *Belle Époque*. Portanto, era natural que as (muitas) mudanças na cidade e também no país ganhassem a atenção dos jornalistas da época. Assim explica Nicolau Sevcenko, no livro “Literatura como Missão” (1983). (RODRIGUES, 2012)

Outro período marcante na reportagem ocorreu nos anos 1960: o novo jornalismo. Nascido nos EUA, o *new journalism* significou um mergulho na realidade. Foram os anos da contracultura, da guerra fria, da guerra no Vietnã, dos hippies, da pílula anticoncepcional, dos movimentos sociais, do homem na lua. Foi um momento de revisão e de imersão. “Faça amor, não faça a guerra”. Era o que gritava a juventude da época. O jornalismo embarcou nessa onda e fez emergir (ou resgatou) um estilo de reportagem, ou melhor, uma reportagem parecida com o conto. A reportagem literária ocupava os espaços em jornais e revistas, questionando a aridez dos textos objetivos e a falta de criatividade dos jornalistas. A pauta mais flexível, sem a obrigação do furo, deu lugar ao cotidiano, aos personagens anônimos, subvertendo os valores-notícia.

O jornalista Tom Wolfe, um dos profissionais que participou desse “movimento”, revela no livro “Radical chic” (2005) esse momento especial do jornalismo e da reportagem, relatando como os jornalistas do Herald Tribune e do Times Square produziram suas reportagens com ares de romance. Outros jornalistas inspirados no estilo passaram a cobrir guerras, política e o cotidiano.

No Brasil, o novo jornalismo influenciou duas grandes publicações: a revista “Realidade” (1966-1976) e o “Jornal da Tarde”. Esta história Lima (2004) relembra ao apresentar o livro-reportagem “como extensão do jornalismo e da literatura”. O autor afirma que as raízes do

jornalismo literário e do livro-reportagem foram o realismo social, que emprestou ao jornalismo métodos de observação e técnicas de redação. Já a literatura se beneficiou principalmente da clareza do texto jornalístico.

A partir da coletânea de reportagens divulgadas em jornais e revistas surgiram alguns livros-reportagens, como “Hiroshima”, de John Hersey. Primeiramente, a reportagem divulgada em 1946 ocupou a edição inteira da revista americana *New Yorker*, depois, virou livro. A história registra outras reportagens em estilo literário e outros livros-reportagem produzidos por escritores-jornalistas ou jornalistas-escritores, como Truman Capote, autor de “A sangue Frio”, Gay Talese, Joseph Mitchell, entre outros. No Brasil, “Os sertões” (1902), de Euclides da Cunha, é resultado de uma coletânea de reportagens que fez sobre a guerra de Canudos. Há também o desejo de jornalistas que optam por produzir reportagens em livros em vez de reportagens em jornais ou revistas, por conta da liberdade de pauta e de estilo. Como aqui não se pretende discutir pioneirismos, nem se fazer um inventário sobre o tema, o intuito é apenas apresentar como a reportagem pode estar inserida em suportes diferentes, como um jornal ou um livro, e guardar as suas características essenciais, dialogando com a literatura.

Ravanelli cita Lima para definir a função do livro-reportagem, bem como suas características:

... a função do livro-reportagem é .informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimento duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. (LIMA, 2004). Suas características e especificidades se formam a partir de uma relação de complementaridade aos veículos de comunicação periódicos, cuja natureza cria demandas para que se produzam livros-reportagens. (RAVANELLI, 2012)

A relação do jornalismo com a literatura já está selada desde que o jornal surgiu. Especialmente no Brasil, Euclides da Cunha, João do Rio, Machado de Assis e Lima Barreto no começo do século XX eram escritores-jornalistas e jornalistas-escritores. Estes profissionais usaram as técnicas literárias antes de a pirâmide invertida chegar ao Brasil, ou seja, o estilo jornalístico. As interfaces estão presentes na autoria, na técnica, no estilo também.

A reportagem como gênero

No Brasil, os principais autores na teoria dos gêneros jornalísticos são Luiz Beltrão, José Marques de Melo e Manuel Carlos Chaparro. Para entender as diferenças entre os teóricos, Seixas (2003) apresenta os critérios de classificação de gêneros utilizados pela maioria dos pesquisadores na área, entre eles, objetivo do texto (ou a intencionalidade), estilo, morfologia ou estrutura da escrita, tema e topicalidade e as articulações interculturais.

Beltrão e Marques de Melo seguem o modelo anglo-saxônico, que divide opinião de informação. São autores funcionalistas. Já Chaparro (2000), ancora a teoria de gêneros nas ciências da linguagem e assume a intencionalidade do autor, o texto como discurso e o discurso como ato social. Beltrão e Marques classificam os gêneros de acordo com a função (opinião e informação); Chaparro conforme a estrutura morfológica (relato e comentário).

Para este artigo, adotamos a nova classificação de José Marques de Melo, para refletir sobre a reportagem e os gêneros informativo e diversional. O autor subdivide cada gênero em formatos e utiliza ainda como variáveis de classificação dos formatos a temporalidade e a angulação. Essa atualização do autor é justificada em razão de os gêneros não serem formas fixas, como Aristóteles os considerava. Os gêneros evoluem conforme a sociedade, a cultura, a tecnologia e as práticas profissionais.

Assim, Marques de Melo amplia a sua classificação anteriormente baseada em dois gêneros, informativo e opinativo, para outra que contém cinco gêneros: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. Cada um dos gêneros possui diversos formatos. A reportagem é um formato do gênero informativo, e é definida como:

Relato ampliado de acontecimento que produziu impacto no organismo social (desdobramentos, antecedentes ou ingredientes noticiosos). Trata-se do aprofundamento dos fatos de maior interesse público que exigem descrições do repórter sobre o “modo”, o “lugar” e “tempo”, além da captação das “versões” dos “agentes”. De autoria originalmente individual, esse formato converteu-se em trabalho de equipe. (COSTA In MARQUES DE MELO; ASSIS, 2010, p. 55)

Nota-se que o autor considera a temporalidade como fator essencial para a classificação do formato reportagem, definindo que o mesmo aprofunda os fatos de interesse público. Ao

mencionar que o formato exige descrição de “modo, lugar e tempo” implica em também assumir o uso de técnicas de redação que vão além da narração do fato.

A propósito, Costa (2011), ao elaborar o estado da arte dos gêneros jornalísticos, menciona Lage (2001) quando diferencia notícia de reportagem, o qual afirma que notícia “trata de fatos” e “reportagem aborda assuntos”. Considerando as observações feitas no início deste artigo sobre fato e acontecimento, e a relação destes com a reportagem, a definição de Lage parece-nos não esclarecer a diferença entre os formatos.

O gênero diversional

Já o gênero diversional une o jornalismo e a literatura, “união genuinamente íntima”, que Marques de Melo reconhece formar “um par prolífico”. Costa, ao analisar as palavras do pesquisador, destaca: “... união esta que ele nomeia de ‘jornalismo literário’, ou **‘a reportagem ou ensaio em profundidade nos quais se utilizam recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela literatura)’**”, citando Lima (COSTA in: MARQUES DE MELO; ASSIS, 2010, p. 75, grifo nosso).

O gênero diversional apresenta alguns formatos: história de interesse humano e história colorida. De acordo com o autor, a história de interesse humano é

Narrativa que privilegia facetas particulares dos “agentes” noticiosos. Recorrendo a artifícios literários, emergem dimensões inusitadas de protagonistas anônimos ou traços que humanizam os “olimpianos”. Apesar da apropriação de recursos ficcionais, os relatos devem primar pela “verossimilhança” sob o risco de perder a “credibilidade”. Destina-se a preencher os espaços ociosos dos aficionados por relatos jornalísticos.” (COSTA, 2011, In: MARQUES DE MELO; ASSIS, 2011, p. 75)

Já o outro formato do gênero diversional, a história colorida, é definida assim por Marques de Melo:

Relatos de natureza pictórica, privilegiando tons e matizes na reconstituição dos cenários noticiosos. Trata-se de uma leitura impressionista, que penetra no âmago dos acontecimentos, identificando detalhes enriquecedores, capazes de iluminar a ação dos agentes principais e secundários. Não obstante a presença do repórter no cenário noticioso, ele se comporta como um “observador distante”, enxergando detalhes não perceptíveis a olho nu. (COSTA, 2011, In: MARQUES DE MELO; ASSIS, 2011, p. 75)

Destacamos dois aspectos do gênero diversional: o primeiro é assumir que a reportagem pode ter uma feição literária, apropriando-se de técnicas ficcionais, e que a união é profícua. O segundo é que a ligação com o *new journalism* americano é evidente. Na definição dos dois formatos, Marques de Melo afirma que no primeiro o destaque é o agente noticioso, no segundo, os cenários noticiosos. Ou seja, ângulos diferentes sobre um mesmo fato.

Embora o autor argumente que o uso de técnicas literárias se trata de um “mero recurso narrativo” e que o mesmo “não transcende a descrição da realidade” (COSTA, in MARQUES DE MELO; ASSIS, 2010, p. 73), poderíamos afirmar que a reportagem, na própria definição de Marques de Melo, exige “descrições do repórter sobre o “modo”, o “lugar” e “tempo”, além da captação das “versões” dos “agentes” e os “cenários noticiosos”. Qual o limite da descrição e da informação? Em que medida os cenários e os agentes noticiosos, descritos e narrados pelo repórter, não revelam a realidade. Paraphrasing Umberto Eco, por que a rotina de um trabalhador não pode ser assunto do jornalismo?

Isso nos remete a pensar que, além dos valores-notícia que a teoria dos *newsmaking* formula, existem outras dimensões que influenciam a seleção de temas e ângulos a serem abordados em um relato, como diria Chaparro (2000). Essas escolhas dependem também da estratégia editorial do veículo.

Outro aspecto a considerar é o que Assis (In MARQUES DE MELO ASSIS, 2010) destaca sobre notícia e acontecimento. Segundo o autor, citando a pesquisadora Ana Carolina Rocha Pessoa Temer, “nem tudo o que um jornal publica é notícia”. Apesar de reconhecer que há várias definições para notícia, Assis sustenta a sua argumentação em Marques de Melo, o qual define notícia como um “relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. Contém necessariamente respostas às perguntas de Quintiliano (quem? O quê? Quando? como? por quê?), transformadas em fórmula jornalística 3Q+CO+PQ...” (MARQUES DE MELO apud ASSIS in MARQUES DE MELO; ASSIS, 2010, p. 141).

Assis analisa ainda, referindo-se ao gênero diversional, que “em alguns momentos e em determinadas situações, o jornalismo se opõe aos seus dois paradigmas fundamentais – o da

vida pública e o da esfera pública”. (In MARQUES DE MELO; ASSIS, 2010, p. 141). Se formos considerar as definições de Groth (BELAU, 1966) sobre a universalidade (um dos conceitos fundantes do jornalismo), a argumentação de oposição ao paradigma não é suficiente para sustentar a definição dos gêneros diversionais.

Relembrando os conceitos de Groth (2011), tudo que interessa ao humano, aquilo que diz respeito às atividades do homem e à sua relação com o mundo, é tema do jornalismo. Em seus estudos no início do século XX, já considerava as revistas segmentadas e os demais assuntos que apareciam nos jornais como pertencentes à universalidade jornalística.

De acordo com Groth, ao mundo do presente do indivíduo pertence não só suas atitudes e relações, mas o mundo espiritual e o mundo do ser e os sonhos – o homem imprime às ideias aquilo que o mundo real nega. O pesquisador alemão diz que a tarefa dos jornais e revistas é comunicar o conhecimento de todas as questões em todos os ramos da cultura e da vida do indivíduo e a sociedade. A universalidade nunca pode compreender a realidade objetiva, mas a universalidade dos mundos presentes, tanto dos jornalistas como dos leitores no que se refere ao conteúdo. Sintetizando, Groth afirma que o jornalismo se baseia no Eu e o mundo – o mundo presente (BELAU, 1966).

Tendo em vista as reflexões sobre fato, o qual para ser acontecimento jornalístico passa pelos critérios noticiosos (valores-notícia) de jornais, revistas e de qualquer produto jornalístico; e sobre a universalidade como conceito fundante do jornalismo, na perspectiva de Groth, em que medida o jornalismo como discurso mediador do fato social pode se opor, conforme diz Assis, “aos seus dois paradigmas fundamentais – o da vida pública e o da esfera pública” ?

Importante salientar que os gêneros evoluem, transformam-se e hibridizam-se na sociedade e na cultura, marcadamente históricas. Marques de Melo, ao propor a atualização na classificação dos gêneros jornalísticos, teve a preocupação de atualizar a sua proposta anterior, considerando as mudanças que ocorreram na sociedade brasileira a partir dos anos 1990. Ele afirma que a empreitada que realizou com outros pesquisadores desafiou o grupo ao longo da pesquisa.

Durante o processo de análise dos formatos peculiares ao gênero informativo, dúvidas de classificação surgiram a propósito das notícias mais conotadas pelo tom autoral. Suscitando a impressão de formatos típicos dos gêneros interpretativo ou diversional, a ambigüidade foi afinal descartada pelo arbítrio consensual da equipe de pesquisadores. Esse conjunto de observações empíricas realizadas durante os anos 90 reafirmou a tese de que o jornalismo brasileiro permanece polarizado entre os gêneros informativo e opinativo. Mas suas tendências residuais evidenciaram o aparecimento de outros gêneros. Seja de forma episódica, como o gênero diversional ou de entretenimento. Seja de modo intermitente, como o gênero interpretativo ou explicativo. Seja ainda em ritmo crescente, como o gênero utilitário ou de serviço. A velocidade com que se deu a ascensão do jornalismo utilitário no panorama do jornalismo brasileiro despertou o interesse de novos pesquisadores pela observação crítica dos formatos que lhe correspondem em espaços diferenciados. (MARQUES DE MELO, 2009)

Algumas questões

Tendo em vista as características definidas por Marques de Melo em relação à reportagem como formato do gênero informativo e os formatos do gênero diversional, poderíamos dizer que as reportagens realizadas com técnicas literárias, veiculadas em jornais ou publicadas em livros-reportagem, guardam características de ambos os gêneros, informativo e diversional? Os formatos diversionais podem ser considerados reportagens, já que os agentes e cenários noticiosos são elementos integrantes do formato?

E mais: sendo a reportagem o relato de marcação de um aspecto do fato social, ou seja, um ângulo do fato, poderíamos considerar que tanto a reportagem quanto os formatos diversionais relatam fatos sociais?

Poderíamos ainda perguntar, considerando que os assuntos do jornalismo são aqueles que abrangem a relação do homem com o mundo, portanto, a universalidade dos mundos presentes de jornalistas e leitores, que a oposição dos formatos diversionais ao paradigma jornalístico é no mínimo relativa?

Mais do que questionamentos, o fato de termos trazido aqui o jornalismo literário, a reportagem e o livro-reportagem foi com o objetivo de refletir sobre a afirmação de que as técnicas literárias, no caso dos formatos diversionais, são apenas uma estratégia para atrair e divertir leitores, apesar de a literatura, tendo uma relação profícua com o jornalismo, ser

fundamental na reportagem, qualquer que seja o ângulo do fato e o nível de aprofundamento.

Nesse sentido, citamos Hellen Keller, que é referenciada em um artigo divulgado no site do “Observatório da Imprensa”,

Eu, que sou cega, posso dar uma sugestão àqueles que vêem: usem seus olhos como se amanhã fossem perder a visão. É o primeiro ponto de um belo roteiro para despertar e sacudir a criatividade jornalística, anestesiada e deseducada pela cultura racional dos manuais de redação (CHAPARRO, 2012).

Os formatos história de interesse humano e história colorida do gênero diversional, como os próprios nomes identificam, dão pistas à criatividade que pode ser revelada em textos que abrangem agentes e cenários noticiosos nas reportagens. Agentes e cenários como elementos fundamentais para a compreensão da vida do homem. A propósito, diz Chaparro, sobre a sua educação militante nos tempos de JOC – Juventude Operária Cristã:

Isso me ajudou a ser repórter obsessivamente observador. E a cedo descobrir que, sem a riqueza descritiva dos detalhes, não há como dar vida, nem beleza, à narração de ações e emoções humanas, nossa arte. Porque a vida se revela nos detalhes. Quem não os capta deixa escapar a vida. **Talvez esteja aí, na renúncia aos detalhes, ou na incapacidade de entendê-los, o mal maior da reportagem, no jornalismo brasileiro de hoje.** E eis aí o assunto que proponho ao debate. (CHAPARRO, 2012, grifo nosso)

Fica aqui também a nossa proposta de reflexão.

Referências bibliográficas

ASSIS, Francisco. **Gênero diversional**. In: MARQUES DE MELO, José Marques; ASSIS, Francisco (Orgs). *Gêneros Jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo; Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

BARBOSA, Marialva. **O acontecimento e a questão da ruptura**. Disponível em: <http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/anteriores/semiosfera02/organizacao/txtsoc1.htm>. Acesso em 23 de junho de 2012.

BELAU, Angel Faus. **La ciencia periodística de Otto Groth**. Pamplona, Espanha: Instituto de Periodismo de La Universidad de Navarra, 1966

•

COSTA, Lailton Alves. **Gêneros jornalísticos**. In: MARQUES DE MELO, José Marques; ASSIS, Francisco (Orgs). *Gêneros Jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo; Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém, Portugal: Sortejo, 2000.

LOBO, Luis. **Ideias e factos**. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224257283R1eQI5es9Qw39LO3.pd>, Acesso em 20 de junho de 2012.

A vida nos detalhes. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/carlos_chaparro_25779, 09/03/2004, edição 267. Acesso em junho de 2012.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: Fundamentos da Ciência dos jornais. Trad. Liriam Sponholz. Petrópolis, RJ,: Vozes, 2011

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2004.

MARQUES DE MELO, Jose. **Gêneros Jornalísticos no Brasil: o estado em questão**. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0763-1.pdf>. Acesso em janeiro de 2010.

MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda*. São Paulo: Summus, 1988

RAVANELLI, Bruno Pessa. **Livro-reportagem**: origens, conceitos e aplicações. Disponível em http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOCOM%2034%20%20Livro%20Reportagem%20O%20que%20C3%A9%20para%20qu%C3%A9%20-%20Bruno%20Ravanelli%20Pessa.pdf

RODRIGUES, João Gabriel. **João do Rio e as representações do Rio de Janeiro: o artista, o repórter e o artifício** – João do rio e a coluna ‘O instante’. Disponível em http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2008/relatorios/ccs/com/com_joao_gabriel_rodrigues.pdf Acesso em 23 de junho de 2012.

SEIXAS, L. **Gêneros jornalísticos digitais**: uma proposta de critérios para definir os produtos do webjornalismo. In: MACHADO, E.; PALACIOS, M. (Org.). *Modelos de jornalismo digital*. Salvador, BA: Edições GJOL/ Calandra, 2003.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 287 p, 2009.

WOLFE, Tom. **Radical chique**: o novo jornalismo. São Paulo: Cia das Letras, 2005

<http://origemdapalavra.com.br/palavras/reportagem/>

